

As Sombras da História: Memórias de 1968 na Alemanha

*The Shadows of History: Memories
of 1968 in Germany*

Hajo Funke

Professor emérito do Instituto Otto-Suhr de Ciência Política, da Universidade Livre de Berlim.

Submetido em: 10/03/2018

Aceito em: 10/04/2018

DOSSIÊ

RESUMO

O presente texto traz uma visão pessoal acerca dos acontecimentos que eclodiram, ainda em 1967, o movimento estudantil alemão associado à grande onda mundial e transnacional que se estabeleceria no ano seguinte. O relato parte da manifestação contra a visita do Xá Reza Pahlavi a Berlim, segue a escalonada da repressão policial até a transformação dos estudantes em inimigos públicos e a consequente organização dos mesmos em um movimento coeso. Na época um estudante de Ciência Política, Hajo Funke viria a se tornar professor na mesma universidade, a *Freie Universität Berlin*, o que faz com que seu olhar sobre aqueles eventos ganhe uma especificidade única

PALAVRAS-CHAVE: Alemanha; 1968; Ativismo Estudantil; Autoritarismo; Defascistização.

ABSTRACT

This text shows a personal account of the events that gave rise, still in 1967, to the German student movement associated with the great world and transnational wave that would be established the following year. The report starts from the demonstration against Shah Reza Pahlavi's visit to Berlin, follows the escalation of police repression until the students be declared public enemies and the consequent organization of them in a cohesive movement. A student of Political Science at the time, Hajo Funke was to become professor in the same university, the *Freie Universität Berlin*, what makes his a unique view over the events.

KEYWORDS: Germany; 1968; Students Activism; Authoritarianism; Defascistization.

¹ Excerto retirado de FUNKE, Hajo. *Das Otto-Suhrinstitut und der Schatten der Geschichte*. Berlim: Schiler, 2008. Tradução: Vinícius Liebel.

Meu 1968 começou em 2 de Junho de 1967

Em uma espaçosa casa de campo, localizada em uma das baías desconhecidas do Oceano Atlântico, perto de Nova York, visitei a psicanalista infantil Judith Kestenberg. Em meados dos anos 80 – já com mais de setenta anos – ela já havia empregado vários assistentes de pesquisa e secretários em sua casa de campo, pessoas que haviam trabalhado em seu projeto de vida: ela pesquisava como a segunda geração de alemães do pós-guerra– judeus e não-judeus – havia seguido sua vida. Por todos os lugares da casa encontravam-se manuscritos, rascunhos de ensaios e transcrições de entrevistas. Mas não era sobre esse trabalho que iríamos conversar. Nós combinamos de falar sobre sua *outra memória*.

Nascida em uma família judia polonesa de Tarnow, na Polônia, quando criança, como ela descreveu, desejava a liberdade e desenvolver seus estudos em uma das grandes cidades culturais do mundo: Viena. Ela conseguiu chegar à capital austríaca para estudar Psicanálise e, como Marie Jahoda, vivenciara maravilhosa *Viena, vermelha e socialista*. Trata-se da breve fase da vida vienense na década de 1920, na qual o equilíbrio entre ricos e pobres deveria realmente ser alcançado em uma impressionante política urbana. Assim como Marie Jahoda, ela conseguiu emigrar para os Estados Unidos antes do ataque de Hitler sobre a Áustria. Em Nova York, tomou parte do grande projeto de análise de crianças dos anos 50 – inspirada por Margret Mahler e Erik Erikson. Mais tarde, concentrou-se no abismo da educação sob o nacional-socialismo, buscando saber se o desejo de morte nacional-socialista também havia sido transmitido para a geração seguinte. “Eles queriam a morte de seus próprios filhos!”

Eu mal tinha chegado à segunda pergunta de minha entrevista, quando ela, resolutamente, virou a conversa e me questionou pela próxima hora e meia:

Você nasceu na guerra. Como foi isso para vocês? O relacionamento com o seu pai? Ele estava ligado à guerra. Ele conseguiu educá-lo? Ou sua educação foi ofuscada pela ideologia nacional-socialista, pelas experiências de guerra e pelos desejos de morte associados ao nacional-socialismo? .

Eu respondi e contei como eu tinha experimentado o final dos anos quarenta e cinquenta. Falei sobre meu pai, um entusiasta oficial da *Wehrmacht*, e sobre a atmosfera depressiva na família e em todo o ambiente. Judith Kestenberg havia tocado em um ponto nevrálgico de minha infância. Não se tratava mais da autodestruição da família e da sociedade durante o nacional-socialismo. Mas uma noção positiva de uma convivência descontraída existiu, e se existiu, apenas no começo. Em vez disso,

o que se mostrava dominante era aquilo que a ciência educacional chama de pedagogia venenosa (*schwarze Erziehung*). Meus anos sessenta, especialmente de 1967 a 1969, não podem ser entendidos de forma separada dessas experiências. Nós certamente nos rebelamos tarde porque queríamos *sobreviver*. A história dos anos cinquenta é relevante para a natureza e extensão do movimento de protesto da Alemanha Ocidental e para o desenvolvimento da sociedade da República Federal da Alemanha. Foi para mim, de qualquer maneira. E a forma como isso ocorreu foi objeto da seguinte anotação em meu caderno:

Meu 68 começou na tarde de 2 de Junho de 1967. O retorno aos sombrios anos cinquenta é a página a partir da qual o meu dia 2 de junho e o momento posterior podem ser entendidos. Em todo caso, pode ser mais fácil entender por que eu, ou melhor, nós estávamos tão ansiosos para quebrar o sino de chumbo que víamos não apenas em nossas famílias, mas em toda a sociedade, através de conflitos, da publicização, questionando tudo o que era natural e autoevidente em primeiro lugar (Funke, 2008, caderno de anotações do pesquisador).

Confronto do nosso protesto com as realidades sociais, ou ideologia e perda da realidade

Depois que começamos, atingimos os limites. Queríamos tudo e conseguimos compromissos. Este processo doloroso começou o mais tardar em 1969 e levou, por um lado, a uma minoria que recorreu a formas autoritárias de organização (do maoísta KPD / AO à RAF), e por outro, a *uma confrontação de nosso protesto com as realidades sociais*. Em retrospecto, lidar com essa tensão entre protesto, revolta e experiências de confronto com os espaços sociais – universidade, política local, América Latina ou África e nos locais de trabalho – foi decisivo para o nos tornarmos o que nos tornamos. Para mim, as principais razões de protesto, especialmente o confronto com o nacional-socialismo, permaneceram de importância central para toda a vida. Também a discussão em torno do capitalismo no interior da democracia e a questão de como se podemos alcançar uma realidade menos violência (especialmente através de guerras). E, para mim, o motivo principal, o de que ninguém fique pelo caminho, permanece tão atual quanto há 40 anos.

Mas a memória de 68 não é menos disputada na arena pública alemã do que aquelas em torno do nacional-socialismo ou da RDA. A geração de 68 é, na visão de conservadores ou de reacionários, culpada e responsável por tudo o que eles veem de errado na sociedade atual: *educação sem disciplina, multiculturalismo, a miséria do sistema escolar, a perda de orientação e de ordem*. Não é justo nem científico promover um julgamento unilateral dessa geração, como alguns tentaram repetidas vezes, certamente

não com a insinuação barata de que alguns de seus porta-vozes se apresentam como purificados, sem considerar seriamente suas próprias experiências.

Por isso, faz sentido insistir nas diferenciações. Minhas anotações sobre aquele período devem servir como uma contribuição modesta.

Estou ciente de que minha memória, ainda que baseada em algum trabalho em arquivos, permanece subjetiva. Por muito tempo relutei em compartilhar cenas e reflexões biográficas, como as experiências e discussões com meu pai nos anos 1950, e suas implicações para minha participação no movimento estudantil e nas redes liberal-socialistas do Bureau Socialista. O fator decisivo foi a constatação de que, no debate em torno de 68, as críticas ocasionais àqueles que, na época, aderiram às formas mais autoritárias de organização após o movimento estudantil, não explicaram adequadamente como elas mesmas se constituíam.

Uma série de assuntos recorrentes me assombram desde a crise de 1967, e que continuam a assombrar, mesmo 40 anos depois:

1. o autoritarismo na sociedade do pós-guerra dos anos 50 e nossa tentativa de promoção de um anti-autoritarismo a partir do movimento estudantil;
2. o confronto com o nacional-socialismo;
3. a questão do Vietnã – e de guerras antigas e novas, de violências antigas e novas– e a violência da RAF;
4. desejos atuais e contemporâneos de uma vida diferente em outra sociedade: como podemos, apesar das experiências de exclusão e de guerras de violência ilimitada, e desenvolver no espaço do terror da “economização” o interesse e a inclinação para reconhecer e apoiar os outros?

O 2 de Junho de 1967 – A Censura

Saí do Seminário de Alexander Swan sobre Democracias Radicais em 2 de junho às 18 horas para assistir ao protesto contra o Xá². Foi quase uma coincidência. Foi a minha primeira manifestação política da vida. Eu era um estudante bastante tímido da região católica de Vechta-Cloppenburg, no sul

2 N.T.: Protestos que ocorreram em Berlim por ocasião da visita do Xá iraniano Reza Pahlavi, na região da Ópera Alemã (*Deutsche Oper*), e que são tidos como estopim para o 68 alemão.

de Oldenburg, em Münsterland. Estávamos na *Deutsche Oper* por volta das 18h30.

Enquanto o Senado e o governo federal viam no Xá apenas um convidado da República Federal que não devia ser insultado “na capital alemã,” nós, estudantes, tínhamos outra visão. Ainda no dia anterior, no auditório da Universidade Livre de Berlim, assistimos a uma palestra sobre o tema “Pérsia, modelo de um país em desenvolvimento”, com o autor do livro homônimo, Bahman Nirumand. Nesse evento, ficou claro para nós que o Xá era um déspota. Ele governava como um ditador. Os partidos políticos haviam sido proibidos. A polícia secreta, a Savak, impregnara todo o país com uma rede de espiões. A Anistia Internacional informava sobre assassinatos, tortura e prisões no Irã. (Görlich, 2002, p. 138-9). Fomos para a manifestação muito bem informados sobre o Xá, contra quem protestaríamos.

Chegamos ao metrô da *Deutsche Oper* por volta das seis e meia. A calçada em frente à ópera estava cheia de manifestantes e curiosos. Cerca de uma hora depois, às 19h20, um ônibus da companhia berlinense de transporte público BVG parou logo em frente, e de dentro dele saíram os “*Jubelperser*” (persas em júbilo)³, grupo que, naquele mesmo dia, já tinha entrado em confronto físico com estudantes em frente à prefeitura de Schöneberg. Agora, novamente, se mostravam do outro lado da rua em oposição a nós. Lembro-me bem de gritos como “Shah, Shah, Shashlik, Shah assassino”. Alguns escalaram árvores e foram derrubados pela polícia. Policiais não me alcançaram quando fiz a mesma coisa. Eu vi que policiais com cães estavam se aproximando por detrás do prédio. A polícia arrastava manifestantes para fora da multidão, levava-os através das barreiras e os espancavam. Os manifestantes gritavam: “SA, Gestapo, por que vocês brigam pelo Xá?” Sinalizadores jogados contra a polícia eram jogados de volta na corrente de manifestantes. Pouco antes das 20h, a escolta do Xá com o prefeito Heinrich Albertz e o presidente federal Heinrich Lübke dirigiu-se à ópera. Nós gritamos: “Abaixo o Xá”. Alguns carregavam cartazes: “Nenhum ditador como convidado em uma cidade livre.” “Fora sanguessuga assassino. Sem assassinos em uma cidade livre.” “Libertem os presos políticos, abaixo com o Xá.” Eles fugiram, alvejados por sacos de tinta e ovos. Obviamente, Albertz imediatamente fechou as portas, mas esqueceu sua esposa. Ela só se fez percebida com fortes pancadas na porta, e foi então admitida na ópera. Nós, por outro lado, fomos atacados pouco depois das oito horas. Após a reconstituição, o comandante deu a ordem às 20h04: “Desçam a vara”. Para nós, o protesto havia acabado: o Xá estava atrás das portas da ópera.

3 N.T.: Grupo de cerca de 150 leais cidadãos iranianos que acompanhavam o Xá em sua visita à Alemanha.

O que mais poderia ser feito em uma manifestação? Queríamos ir para casa. Mas neste momento, fomos surpreendidos pelas forças policiais. A polícia dividiu os manifestantes ao meio. Colocaram uma barreira a cerca de trinta e seis metros da rua transversal, a Krumme Straße, obrigando os manifestantes que se encontravam do lado oriental da rua principal, a Bismarckstraße, a seguirem para a Krumme Straße. Eu estava nessa parte e corri para Krumme Straße, descendo a rua. Ouvi alguns tiros curtos. A polícia montada avançou atrás de nós. Do outro lado da barreira, a possibilidade de fuga estava bloqueada para os manifestantes. Em direção à Seesenheimer Straße não havia possibilidade de fuga, devido à grande massa de pessoas que se aglomerava. Nesta situação, como ficamos sabendo nos dias seguintes, os estudantes se sentaram para demonstrar sua não-resistência. Ali, no entanto, a polícia descobriu o “núcleo duro” contra o qual 80 policiais procederam em uma segunda investida, a cerca de cinquenta metros da Krumme Straße (Görlich, 2002, p. 146) O pânico surgiu. Quem quisesse fugir, tropeçaria no que ainda estava sentado. Logo, o “núcleo duro” foi cercado, muitos levaram pontapés dos policiais e, ao final, afastados em direção à Krumme Straße. Mais policiais empurraram os estudantes restantes para a Seesenheimer Straße. Outros se bateram sobre os que tentavam escapar, tentando impedir a sua fuga. O chefe de polícia Duensing declarou, mais tarde, sobre essa “tática de salsicha de fígado” (*Leberwursttaktik*): “Nós tomamos os manifestantes como uma grande salsicha de fígado, não é mesmo, então tivemos que apunhalar bem no meio, de modo que explodisse nas extremidades.”

O carro de alto-falante só apareceu às 20h09. Ele demandava que deixássemos a Bismarckstraße, cinco minutos depois da operação de limpeza ter começado e estar a pleno vapor. “Eu corri para longe da polícia. Pouco antes da Krumme Straße eu perdi um sapato, caí, tentei me arrumar, fui derrubado pela polícia novamente. Vários policiais me chutaram pelas costas e me espancaram”, declarou uma testemunha diante do comitê de investigação nomeado pela ASTA⁴ (Görlich, 2002, p. 149). Enquanto a maioria dos estudantes fugiu sem resistência, outros atiraram pedras nos policiais, as primeiras voaram às 20h15. Alguns colegas usaram canivetes para remover pedras da calçada. A polícia respondeu com canhões d’água.

Depois da evacuação da Bismarckstraße, chegou a vez da polícia política. Treinados para o controle de tumultos internos e para o enfrentamento contra os agentes da RDA e seus líderes, eles sabiam como fazer uso da arma de fogo. Em trajas civis – diferenciados dos manifestantes apenas

4 N.T.: *Allgemeiner Studierendenausschuss*, ou Comitê Geral dos Estudantes Universitários.

pelo olhar praticado em seus “bons ternos” –, os policiais políticos rastream os estudantes em fuga. Às 20h30, dois deles seguiram em direção a um estudante que se encontrava no pátio da garagem da Krumme Straße 66/67, onde ele havia procurado abrigo dos canhões d’água. Outros estudantes correram para o pátio para ajudar seus colegas – entre eles, um estudante de camisa vermelha: Benno Ohnesorg. Policiais uniformizados partiram para o pátio, temendo que seus colegas em trajes civis fossem emboscados. Mais uma vez o clima de pânico se espalhou entre os estudantes. Eles tentaram fugir do local em face à força esmagadora da polícia. Benno Ohnesorg não conseguiu escapar. Ele foi espancado por policiais: “Por favor, por favor, não atire”, ele chorou desesperadamente, e em seguida um tiro foi disparado da arma do policial civil Karl-Heinz Kurras. A polícia continuou a bater no estudante, já mortalmente ferido. Frederike Hausmann prestou primeiros socorros. Ela conta: “Dois policiais me arrastaram e tentaram me tirar de lá, mas eu apenas gritei para eles que eles deveriam chamar uma ambulância, porque o homem estava obviamente ferido.”(Ibid, p.150-1).

Um deles relatou:

Eu estava de pé na beira deste pátio (na Krumme Straße) e então vi um grupo de policiais ao redor do homem com a camisa vermelha, batendo nele. E ele estava totalmente indefeso, então ... ele ficou deitado no chão? Não, ele não ficou deitado no chão ainda, ele estava tão preso entre os policiais que ele mal podia cair, porque eles estavam se aglomerando ao seu redor e batendo nele sem parar. Ele agrediu os policiais? Não, não. Ele estava completamente passivo, sim. E então, de repente, vi o cano da arma e o estrondo do tiro. No momento seguinte, eu o vi deitado no chão atrás de um carro e ele não se mexeu mais (Ibid, p. 151).

No hospital Moabit, Benno Ohnesorg sucumbiu aos ferimentos. A fratura craniana foi diagnosticada e a ferida foi suturada. Um erro fatal de diagnóstico. Ninguém podia imaginar realmente que o estudante tinha sido baleado. Ninguém o tratou corretamente. Apenas a autópsia revelou que Benno Ohnesorg havia sido baleado com uma pistola policial, calibre 7.65 milímetros (Ibid, p.152).

Após a reconstrução, a questão em torno do tiro fatal dado pela operação policial estava longe de terminar. Na verdade, iniciou-se a ação “caça à raposa”. Lembro-me de alto-falantes espalhando a notícia de que um policial havia sido ferido pelos manifestantes. Sobre o tiro em Benno Ohnesorg, nem uma palavra. Mobilizados por essa informação falsa, os policiais nos perseguiram pelas ruas entre a Bismarckstraße e a Kurfürstendamm. Policiais perseguiram os manifestantes em fuga, como os relatórios de reconstrução apontam, (n)os alcançavam e espancavam. Motoristas de ônibus e táxi participavam.

Corri pela Krumme Straße com os outros em pânico, fui perseguido por policiais da cavalaria e corri, como eu acredito me lembrar, por meio bairro de Charlottenburg, como se minha vida dependesse disso. Schiller Straße. Leibnizstraße. Schlüterstraße. Kurfürstendamm.

Ficamos chocados e indignados: por que um tiro em um colega que simplesmente exerceu seu direito de protestar? Por que a mentira – um policial se feriu, o que eu ouvi pelo alto-falante da polícia na mesma tarde? Por que o apoio a um regime manifestamente criminoso, mas ligado ao Ocidente? Por que a raiva contra nós? Por que um ditador assassino tem de ser protegidos dessa forma? E por que o discurso de ódio na mídia e na política, especialmente do prefeito Albertz, um social-democrata, ainda na mesma noite e nos dias seguintes? Nós não recebemos nenhuma resposta. Nós fomos difamados. Com o vazio das respostas, as perguntas se estenderam e a indignação se aprofundou. Quando no dia seguinte as respostas não vieram e ficou cada vez mais claro que nós estávamos em uma armadilha e queriam nos punir coletivamente, a perturbação se transformou em raiva e profunda decepção. Para mim e para muitos dos meus colegas do Instituto Otto-Suhr e da Comunidade Estudantil Católica na Casa Wilhelm-Weskamm, na Suarezstraße, no bairro de Charlottenburg, onde até então interpretávamos os resultados liberais do Concílio Vaticano II, no sentido de uma igreja mais democrática e uma moralidade sexual menos repressiva da esquerda católica. Eu parei de estudar. Eu queria saber como aquela sociedade que eu vivenciava estava enlouquecendo. Foi o que aconteceu com a maioria de nós. Certamente não para alguns representantes do RCDS⁵. Eles nos declararam radicais, esquerdistas. Eu já sabia como isso podia ser definido. Mas se a minha simples decisão de participar de uma manifestação fosse rejeitada e declarada como radical, então eu era radical. De esquerda. Esse sentimento se aprofundou nos dias seguintes, com os primeiros resultados das investigações da ASTA; com as reações da esfera pública, que nos difamava; com a proibição de nos encontrarmos no dia seguinte – mas fizemos isso de qualquer maneira, nos gramados da Universidade Livre; com as perguntas e críticas do presidente da ASTA, Hartmut Häussermann, e dos representantes estudantis Knut Nevermann, Ulf e Niels Kadritzke. Com os discursos do teólogo protestante Helmut Gollwitzer, com as presenças do erudito religioso Jacob Taubes, do respeitado artista Peter Szondi, intérprete de Paul-Celan, dos poucos professores universitários ao nosso lado. Tivemos a mesma experiência, e ela foi invertida em nossas bocas e, assim, negada como experiência. Dentro de 48 horas depois da noite de 2 de junho de 67 – literalmente em questão de horas – nos tornamos um amplo movimento de protesto em Berlim. Nós nos unimos.

5 N.T.: *RingChristlich-DemokratischerStudenten* (Círculo de Estudantes Democrata-Cristãos).

Nos dias e noites seguintes as questões se ampliaram: que tipo de Estado era aquele? Que tipo de sociedade aceita e até defende essa violência? Depois daquela noite, nada restou do que eu havia aprendido antes. Democracia. Estado de direito. Direito de manifestação. Tudo isso parecia ingênuo – e errado. Não correspondia à realidade que eu havia experienciado. Incerteza, decepção e raiva cresceram com todos os detalhes que surgiram nos dias seguintes.

Estudantes são declarados inimigos

A raiva dirigida contra nós, os manifestantes, deve ter sido considerável: “Quando eu sair, que esteja tudo limpo!”, ordenou o prefeito ao chefe de polícia Erich Duensing, enquanto entrava na ópera. Quando um estudante perguntou por que ele não poderia deixar a barreira agora, um policial respondeu: “Você logo verá.” Outros espectadores, pessoas mais velhas, por exemplo, foram especificamente abordados pela polícia: “Por favor, peço que se retirem agora, o que vem em seguida será bastante desagradável”. Desta forma, as massas foram separadas em boas e más na frente da *Deutsche Oper*, até que a polícia assumiu que eles tinham um grupo uniforme de encenqueiros na frente deles. Isto foi justificado mesmo dias depois pelo chefe de polícia Duensing perante a Comissão de Inquérito de Berlim: “Eu vi os manifestantes. Essas pessoas não teriam se acalmado nessa situação, mas teriam utilizado qualquer tipo de coisa como munição! Não há dúvidas sobre isso! A situação tinha que ser controlada, este é um antigo (!) princípio policial.” (Görllich, 2002, p. 144). O prefeito não soube da morte de Benno Ohnesorg pelo chefe de polícia, mas sim pelo noticiário da meia-noite. Sem consultar a polícia, ele solicitou ao secretário de imprensa do Senado, Hans Peter Hertz, para redigir um comunicado de imprensa que absolveu a polícia de qualquer culpa, e a imprensa o acompanhou em grande parte (Ibid, p. 153-4). O comunicado de imprensa do prefeito, da noite de 2 para 3 de junho, dizia:

A paciência da cidade está no fim. Várias dezenas de manifestantes, incluindo estudantes, receberam o triste crédito de ter não apenas insultado um hóspede da Alemanha Ocidental na capital alemã, mas para sua conta vão também um morto e numerosos feridos – policiais e manifestantes. A polícia, provocada por vândalos, foi forçada a seguir em frente e usar seus cassetetes. Digo explicitamente e enfaticamente que aprovo o comportamento da polícia e que, pessoalmente, me convenci de que a polícia resistiu nos limites da razoabilidade (Mager, Spinnarke, 1967, p. 111)

O comunicado de imprensa falou por si: era enganoso, manipulativo e caluniador. Ele conjurou um inimigo coletivo, os estudantes, invertendo o foco da violência: foi um estudante que foi baleado. Foi assim que, contra um melhor entendimento (a morte tornou-se conhecida no noticiário da meia-noite), mobilizou não só um inimigo, mas também uma escalada emocional (a paciência da cidade está no final) e a exigência indireta da repressão a esses estudantes de forma decisiva e poderosa, para dizer o mínimo. Uma forma de *agitação autoritária* e um alívio da culpa daquele que atirou e da polícia como um todo. Até então tínhamos apenas ouvido histórias de práticas e regimes totalitários: da União Soviética stalinista e do nazismo, que já estava há 20 anos no passado. Foi no nazismo que a pessoa que atirou em Benno Ohnesorg, o policial Karl-Heinz Kurras, foi educado, socializado e, ainda bastante jovem, alistado voluntariamente no serviço militar. Ali estava a associação, exagerada, mas também óbvia: a percepção de que se tratava de formas de fascismo, ou da SA ou da Gestapo. Afinal de contas, não havia de fato o direito à manifestação na praxis do Senado de Berlim Ocidental e da polícia, incluindo também o poder judiciário; se houvesse, teriam nos permitido protestar sem sermos castigados coletivamente. Apenas posteriormente esse direito foi então plenamente aplicado como lei estabelecida.

“Desfascistização da Polícia!”

No dia seguinte, em vez de averiguar as condições que vivenciamos aquela experiência, o Senado de Berlim impôs uma proibição de novas manifestações na cidade. Apesar da proibição, 500 estudantes partiram para uma marcha fúnebre em direção à Prefeitura de Schöneberg, em 3 de junho. A polícia utilizou canhões d’água para empurrá-los para uma rua lateral, onde eles foram cercados antes de desistirem. Ao meio-dia e durante a tarde, nos reunimos no campus da Universidade Livre, perto do Edifício Henry Ford. As portas do edifício permaneciam trancadas. O local foi cercado por uma forte força policial. Canhões d’água e ambulâncias estavam lá. Os estudantes foram instados a deixar a área. Nós nos sentamos na grama. A tentativa de chegar ao reitor não teve sucesso. Nesta situação, o decano da Faculdade de Economia e Ciências Sociais abriu as portas e nos deixou as salas de aula do prédio da Faculdade de Economia e Ciências Sociais à disposição. Distribuídos em várias salas de aula, os estudantes discutiram os acontecimentos do dia 2 de junho. Foi criada pelos cerca de 4.000 estudantes presentes uma lista de exigências, que incluíam, entre outras coisas, a renúncia do prefeito, do chefe de polícia Duensing e do ministro do Interior Büsch, a desfascistização da polícia de Berlim, especialmente da cúpula policial, e a condenação do atirador Karl-Heinz Kurras. Representantes de ditaduras militares,

marionetes ou colaboradores não deveriam mais ser recebidos em Berlim Ocidental, e as bandeiras na universidade e na cidade deveriam ser hasteadas a meio mastro (Görlich, 2002, p. 86-7).

Esse rascunho deveria ser votado e aprovado, mas isso era difícil, uma vez que os estudantes estavam espalhados por várias salas. Considerou-se fazer a votação ao ar livre. No entanto, como ainda havia policiais de plantão no local, o presidente da ASTA, Häussermann, sugeriu que as exigências fossem aprovadas na ASTA. Mas muitos insistiram que isso deveria ser feito em conjunto, especialmente os representantes da SDS. Assim, Häussermann negociou em seguida com o chefe de operações da polícia até o convencer de que a assembleia ao ar livre seria pacífica. Nos gramados da universidade – a céu aberto – aprovamos a resolução por esmagadora maioria. Ao mesmo tempo, foi redigido um panfleto para os cidadãos de Berlim, que se voltava contra a difamação:

Vocês nos conhecem apenas através da imprensa de Berlim, que é, em grande parte, propriedade de Axel Springer e, em nossa opinião, os informa unilateralmente. Ela diz que somos apenas vândalos e desordeiros que saem às ruas às suas custas e com o seu dinheiro, quando deveríamos estar estudando. Sabemos que somos privilegiados por podermos estudar, um privilégio concedido por vocês. Também sabemos que temos obrigações para com vocês. Mas não nos sentimos obrigados a clamar um ditador militar como o Xá da Pérsia, que mantém seu povo faminto e analfabeto! No final do panfleto, "Não se deixem mais enfurecer contra os estudantes. Para nós, a democracia não significa a calma do cemitério, mas uma vida sem a arbitrariedade da imprensa, da burocracia e da polícia (Ibid. p. 88)

Em diferentes comitês, no Comitê de Publicidade de Panfletos, no Comitê Investigativo Benno Ohnesorg para Investigação das Circunstâncias de sua Morte, em um comitê que organizava o funeral de Benno Ohnesorg, bem como em outro responsável por contatos com escolas, empresas e sindicatos, todo esforço foi feito para se opor à calúnia generalizada, para lutar e criar uma contra-opinião pública. Com sucesso limitado.

Passa por cima! A Difamação como uma Turba autoritária no Parlamento

Nós ouvimos sobre quem nós realmente éramos no debate de 8 de junho no Parlamento, na fala de um deputado do SPD: "Lá, esses incorrigíveis acreditam precisar promover uma mudança social, deveríamos manter esses incorrigíveis longe, deveríamos retirá-los da comunidade e devolvê-los àqueles a quem eles respondem." Um deputado da CDU: "Se o apêndice dói, e quando a agonia é insuportável, não resta mais nenhuma alternativa a não ser removê-lo cirurgicamente, se você não quiser arriscar sua

própria vida“. As pessoas nos tomavam por uma turba e agiam assim. A atmosfera inflamada que excluía aos estudantes, que excluía aqueles que protestavam, que os tomava por comunistas e queria lançá-los por cima do muro para o lado oriental, era muito palpável. Experimentávamos isso nas discussões com os transeuntes no Ku-Damm, mas especialmente na mídia e na política local. O Senado rechaçou e encobriu, pouco a pouco, a prontidão para a violência e agressão dos policiais que vinha a público através do Comitê de Investigação da ASTA. Algumas semanas mais tarde, o prefeito Albertz, que havia apoiado sem reservas o comportamento escandaloso da polícia, renunciaria.

O ódio, antes e depois de 2 de junho, foi uma enorme declaração social de inimigo. Somos a turba marginalizada da qual você faz pouco caso. Agimos em nome do inimigo, a RDA. Você tem que remover esse apêndice. Expressão de uma agressão autoritária por parte de uma polícia ainda autoritária, na verdade nacional-socialista, sem a qual o tiro histórico de Kurras não seria imaginável. Junto com a negação de toda a responsabilidade pela cúpula política, a projeção da culpa sobre nós estudantes – uma pequena minoria de talvez pouco mais de 4.000 estudantes em uma cidade de dois milhões de habitantes – era a expressão da política anti-democrática do Estado em Berlim Ocidental. Naquela época, não houve violência de manifestantes. A violência veio do Estado. Mas isso me transformou, e a muitos de nós – uma geração inteira de estudantes – em apenas alguns dias. E muito do que aconteceu depois teria sido diferente se alguém tivesse corrigido essa compreensão autoritária, sagrada e inviolável do Estado imediatamente, e não anos depois, de um modo completamente republicano. Quando ouvi um caso semelhante de difamação, 25 anos depois, em Rostock Lichtenhagen, isso era parte de um pogrom (Funke, 2002).

O Grande Choque

Não era mais possível pensar em estudar. Mesmo o Senado Acadêmico, em sua reunião de 06 de junho de 1967, mostrou compreensão: cada professor é livre, em uma situação tão tensa como a presente, para discutir os problemas atuais em suas leituras e seminários com seus alunos. Palestras e seminários dificilmente aconteciam. “Os professores simplesmente engatinhavam”, diz o ativista universitário da SDS, Wolfgang Lefe’vre. Os alunos pararam de esperar por seus professores. Em 8 de junho, 15.000 pessoas deram o último adeus a Benno Ohnesorg em uma marcha na de 8 km do campus da Universidade Livre até o trevo da rodovia de Zehlendorf. Helmut Gollwitzer fez um discurso fúnebre no local de chegada. Em 8 de junho, Benno Ohnesorg foi enterrado em Hanover. Em 9 de junho ocorreu,

também em Hannover, o congresso sobre a condição e organização da resistência, no qual o movimento estudantil se constituiu além das fronteiras de Berlim. Mas voltar aos seminários do Instituto Otto-Suhr eram impensável. Mais alguns comitês foram organizados e, pouco tempo depois, um grupo ad hoc foi formado: já não nos preocupávamos apenas com as condições de falência do direito de manifestação provocada pelo Senado de Berlim, mas também com a universidade, como a sociedade, como tudo deveria ser diferente.

Rebelião. Nesses dias eu questioneei *tudo* aquilo à minha volta. Em retrospectiva, é impossível compreender hoje quão abrangente, existencial e explosivo foi esse sentimento de que tudo que se fazia e se pensava até então estava fundamentalmente errado. A crença de longa data, ou melhor, a certeza de que tudo que foi feito na democracia sob Adenauer estava certo foi abalada. A raiva e a decepção explodiram, e isso foi compartilhado por milhares de pessoas nas reuniões que aconteciam diariamente e no funeral de Benno Ohnesorg, em Hanover. Vimos uma realidade que grande parte do público e da política não queria ver. Nós tínhamos *vivenciado* essa realidade. Os poucos mentores dos estudantes, como Helmut Gollwitzer ou Peter Szondi, confirmaram nosso ponto de vista. Quando nós –muito poucos em uma cidade de 2 milhões de habitantes– nos vimos sozinhos, eles se colocaram intransigentemente ao nosso lado. “Golli” parecia um pai escolhido por nós. Fiquei impressionado que Peter Szondi – que não era um lutador de rua, a começar por sua aparência – participou na primeira fila de nossas manifestações, como fizeram alguns outros, Jacob Taubes ou Margarethe von Brentano, por exemplo. Ficamos contentes que houvesse pelo menos um como Ossip K. Flechtheim no Instituto Otto-Suhr, e também os assistentes Johannes Agnoli e Ekkehart Krippendorff. Mas era isso. A maioria dos outros se manteve longe e oculta.

Aqueles que estavam furiosos conosco eram leais às Forças de Segurança, que eles já haviam salvado alguns anos antes. E alguns deles já haviam mesmo se identificado com o nacional-socialismo, assim como parte da polícia, da administração da Universidade Livre ou o então promotor federal Blaesing. Como estávamos protestando contra eles, não podíamos mais ser amigos deles. A partir do momento em que protestamos contra a política de guerra norte-americana, não éramos mais amigos de sua potência protetora. Assim, a raiva desses “alinhados” nos atingiu duplamente. Da noite para o dia nos tornamos estranhos, encrenqueiros, promotores do caos, baderneiros, mas acima de tudo, comunistas hostis: *Passem por cima*, foi o slogan usado repetidamente nas críticas maliciosas e debochadas. O

anti-comunismo desenfreado dos berlinenses ocidentais foi, em grande parte, não apenas o resultado de uma fúria contra o novo autoritarismo sob Stalin e seus sucessores. Ele se baseava também na fúria contra tudo que fosse estranho, diferente, e ainda mais contra aqueles que pudessem colocar em xeque as ações da potência protetora. Assim, o ódio do “nós” da vasta maioria dos berlinenses ocidentais contra o “eles” da minoria de estudantes nos transformou em *outsiders*, em um perigo hiperdimensionalizado. Fomos perseguidos. Mas também, e ao menos, não nos calamos. E isso nos inspirou. Se a fachada da democracia e da tolerância era realmente tão fina, teríamos que chegar ao fundo dela. A surpresa, pelo menos para mim, tinha algo a ver com o fato de eu ter crescido seguindo o padrão da educação venenosados anos 50. Educado pelo medo, às sombras das orgias de espancamento que meu pai aplicava em meu irmão mais novo, acabei me distanciando, me refugiando nos livros, na literatura e em uma forma mística de religiosidade católica. Era um estudante curioso, mas ao fim ao cabo, conformista. Eventualmente, apesar da minha criação autoritária católica, eu acabei desenvolvendo uma propensão ao questionamento: pela influência de meu professor de Alemão, que tinha aprendido a questionar com Adorno e nos apresentou Brecht, Camus, Celan e o debate sobre o nazismo durante o julgamento de Eichmann. Mas até então, tudo isso fora ofuscado por uma rigorosa educação conformista que eu realmente não conseguia neutralizar. Eu tentava desvencilhar dela, mas ela me carregava. Meu sentimento não era tanto uma manifestação de um novo movimento, mas muito mais um choque, uma espécie de explosão que confirmou – para mim e para muitos outros – que estávamos certos em nossos questionamentos, que tínhamos razão em manifestar nossa raiva pelo que aconteceu. Nós nos vimos no direito de questionar tudo isso, toda a estrutura da República Federal, e procurar outra. O choque de que me lembro hoje, como se tivesse acontecido ontem, também se baseou no fato de que os responsáveis haviam preparado uma armadilha e uma escalada de ódio. Para isso eu estava (assim como Benno Ohnesorg), em meu íntimo, completamente despreparado.

Herbert Marcuse versus Richard Löwenthal e Alexander Schwan

Um mês depois, houve um grande confronto entre nossos mentores e alguém que veio dos Estados Unidos: Herbert Marcuse. Em um fórum memorável debateram, entre outros, Alexander Schwan, Richard Löwenthal e Herbert Marcuse. Com sua retórica assombrosa – que não negava o sotaque berlinense em seu inglês – Marcuse argumentou que pode haver e que deve haver alternativas ao capitalismo posto, à democracia posta e aos objetivos postos dentro desta sociedade. Como nenhum

outro, independentemente dos detalhes de seu discurso, ele “nos libertou”, pelo menos a mim, para pensar e agir de acordo com esse pensamento. Alexander Schwan recordou, 20 anos mais tarde, que imediatamente após este evento, eu impliquei que – além de seu papel de mentor extremamente atencioso que eu havia aproveitado até então – haveria conflito. Ele achou justo. Durante as férias daquele semestre, por vezes nos reuníamos durante a semana no grupo *ad hoc* do OSI, líamos Adorno e Marcuse e planejamos outra política universitária, uma abordagem diferente àquela da autoridade do Colegiado.

Pensávamos, enfim, em uma outra sociedade.

Referências bibliográficas

AFUNKE, Hajo. *Das Otto-SuhrInstitut und der Schatten der Geschichte*. Berlin: Schiler, 2008. Tradução: Vinícius Liebel.

_____. *Paranoia und Politik*. Berlin: Schiler, 2002.

GÖRLICH, Christopher. *Die 68er in Berlin. Schauplätze und Ereignisse in Berlin*Werder: Homilius, 2002.

MAGER; SPINNARKE. *Was wollen die Studenten?* Frankfurt: Fischer, 1967. p. 111.